

A MARCA E O GESTO NOS PROCESSOS DE IMPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Giordano Alves Costa / Universidade Federal de Pelotas
Angela Raffin Pohlmann / Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

O presente texto discorre sobre um processo criativo cujo foco está no conceito de impressão, e procura explorar o rastro e a marca como matérias e como índices. As diversificações são analisadas como singularidades para delas encontrarmos contribuições para a gravura contemporânea. Também se analisa o uso de intempéries e de fragmentos coletados através de materiais orgânicos, aproveitando os efeitos que a própria matéria propicia como as impregnações dos corpos e suas visualidades táteis. Almeja-se ampliar os métodos tradicionais da gravura, transferindo vestígios entre os corpos, explorando suas variações, tendo o contado como principal apoio para a reflexão desta poética.

PALAVRAS-CHAVE

Impressão; transferência; corpo; gesto; marca.

ABSTRACT

This paper is about a creative process whose focus is on the print concept, and explore the trail and the mark as material and as indices. The diversifications are analyzed as singularities of event and their contributions to contemporary engraving. We also analyze the use of weather and fragments collected through organic materials, taking advantage of the effects that matter itself provides as impregnation of bodies and their tactile visuality. We aim to expand the traditional methods of printmaking, moving traces between the bodies, exploring its variations, being counted as main support for this poetic reflection.

KEYWORDS

Printing; transfer; body; gesture; mark.

Introdução

O presente trabalho busca comentar ações artísticas ligadas ao conceito de impressão e suas diversificações. Pretende-se comentar o que elas nos sugerem na gravura, e refletir sobre suas inexauríveis relações com o processo de criação. O texto procura contribuir com algumas possibilidades que possam proporcionar alargamentos nos trajetos e experimentações da área.

A impressão instiga a vários caminhos, a percursos ocasionados pelo fazer artístico, pelo gesto e sua inquietude, pela percepção que almeja um olhar curioso e provocador, em que as incertezas dialogam com a obra, questionando seus conceitos e suas virtudes. O que provoca tais questionamentos a respeito da impressão é o que pode ir além da gravura tradicional. Neste sentido, nesta pesquisa, objetiva-se imprimir, transferir, marcar, gravar, obter rastros, índices e vestígios que ampliem discussões em relação à gravura contemporânea e seus desdobramentos. Deambula-se, assim, por processos em que as mais diversas experimentações artísticas possam instigar a reflexão sobre um olhar amplo e perceptivo, que observa o inusitado como potência criativa desta poética.

Também se busca, através do contato entre os materiais coletados para esta pesquisa, observar as provocações produzidas pelos processos de impressão, estimulando caminhos investigativos, curiosos e enriquecedores, que possam agregar conceitos e articulações de sentido. Ademais, se considera a efemeridade que alguns materiais apresentam, observando como eles reagem ao contato. Com isso pretende-se obter olhares mais aguçados, capazes de absorver percepções antes não sentidas.

Nesta pesquisa, as marcas e os rastros funcionam como índices que ampliam nosso imaginário alargando os conceitos de gravura e impressão. Assim, considera-se a possibilidade de usufruir de agentes metamórficos, para imprimir onde houver vida, movimento ou deslocamento. Como exemplo, lembramos das pegadas, do vento, ou do trajeto de um objeto que deixa marcas pelo caminho.

Impressão por deslocamento/trajeto

Uma impressão pode ser realizada a qualquer momento, lugar ou por qualquer pessoa. Basta um passo, um trajeto, para que um olhar minucioso possa alcançar os indícios deixados pelo deslocamento ou pelo movimento de determinadas ações.

De forma intencional ou não, o contato muitas vezes é inevitável, e com ele fica a marca ou o vestígio de um determinado corpo ou objeto. Através do toque poderão surgir impressões, rastros, gravuras, sendo que tais ações fazem parte do cotidiano de qualquer ser humano. Sobre este assunto, encontramos na dissertação de Carolina Rochefort a seguinte passagem:

Imprimir é encontrar, é o que dá margem a uma marca, ao vestígio do corpo matriz. Imprimir é contatar, é tatear, é trocar. Imprimir uma imagem é tocar outro corpo, imprimindo nele uma marca, uma imagem, vestígio do corpo matriz. Essa imagem é transferida, e transmite a semelhança, a presença física do outro corpo semelhante. (ROCHEFORT, 2010, p.94)

Então, imprimir é tocar, fazer marcas, deixar um vestígio. Por outro lado, também se pode refletir sobre a impressão questionando as marcas ou vestígios do que é pouco perceptível ao olhar comum. Que tipo de marca se pode obter com a evaporação da água? Ou o modo como a água, em seu tempo, retorna como chuva e marca o solo com sua queda? São olhares viajantes, em busca do que aparentemente é transparente como o vento, ou que é rude como uma rocha. Estas impressões que as matérias nos causam também podem provocar-nos como observadores da natureza.

Considerando as variadas formas que as ações naturais podem assumir, e prestando atenção às suas possibilidades de agir como corpos impressores, questiona-se aquilo que não é palpável, mas perceptivo aos olhos como a fumaça, o vapor e o vento. Procura-se captar modos de imprimir os vestígios por onde estes vapores se deslocam alcançando outros corpos. Assim, seria o vento capaz de carregar consigo fragmentos de um corpo até encontrar outro corpo, para assim realizar uma impressão?

Se a impressão se dá através da troca, quais trocas poderiam ser consideradas impressões? Por exemplo, a queda do sereno sobre uma determinada superfície pode alterar o estado inicial desta, expandindo assim o pensamento sobre deslocamento. Perguntamos o que ocasiona o toque, a união ou encontro de dois corpos? O que faz uma superfície funcionar como corpo receptor de algo pouco visível e talvez distante? O que há de real nestes devaneios ou linhas de raciocínio?

Diante de tais pensamentos também nos questionamos se uma impressão poderia ser ocasionada através de uma queda, independente da superfície que recebe o impacto. Ou sobre qual o peso e a força necessários para gerar uma marca, ou uma transferência de vestígios que originem reflexões sobre a impressão por contato. Estas ideias já foram comentadas no catálogo *L'empreinte* de Didi-Huberman (1997). Notamos, igualmente a pertinência da análise de Carolina Rochefort sobre as ações envolvidas no "imprimir" e nos vestígios deixados entre os corpos:

Os corpos estão sempre encontrando outros corpos, tocando-se, chocando-se, imprimindo-se. E, no encontro, entre duas superfícies, se encontra o corpo acontecimento, que se expressa pelo verbo infinitivo, por uma maneira de ser. Quando o imprimir se torna impressão, não estamos mais falando do corpo acontecimento, mas de um corpo impressão, corpo que é vestígio, o que restou do acontecimento (ROCHEFORT, 2010, p.96)

O "corpo impressão", o que restou do acontecimento do ato de imprimir, serão apresentados aqui como os vestígios obtidos a partir do contato das matérias com as intempéries. Estas serão vistas como colaboradoras nas ações aqui abordadas, pois fizeram parte das percepções do cotidiano, mesmo quando pareciam ser apenas pensamento.

Sobre a gravura e o ato de gravar

A gravura pensada tradicionalmente pode envolver uma série de procedimentos já descritos e conhecidos pelos artistas, pelo público interessado nesta área, e especialmente pelos gravadores. Entre os procedimentos tradicionais, podemos enumerar os mais conhecidos como a xilogravura (matriz de madeira), a gravura em metal (matriz de metal: cobre, latão, zinco, alumínio ou ferro, por exemplo), a

litografia (matriz de pedra calcárea) e a serigrafia (matriz de tecido esticado em bastidor).

O que define a escolha destes materiais é uma decisão que corresponde a modos de ver, modos de sentir e a possibilidade de cada um deles em corresponder a uma ideia inicial a ser posta em marcha. Neste sentido, Rizza Conde (1999, p.9) comenta que "qualquer artista, seja ele um músico, um pintor, um gravador, um bailarino, um cineasta, tem pela frente um desafio: fazer, expressando o grito de seu tempo, respondendo a uma necessidade interior". Do mesmo modo, aqui apresentamos uma pesquisa de materiais e de marcas ou vestígios deixados pelos elementos da natureza sobre determinadas superfícies que correspondem a uma necessidade interior, e aum olhar delicado sobre o entorno natural.

Quando nos permitimos pensar a gravura por um viés não convencional, podemos entender que não é necessariamente obrigatório o uso de uma matriz convencional, tinta de impressão, prensa e outros materiais usados tradicionalmente. Podemos, assim, pensar a gravura e a impressão fora do atelier. Para apoiar esta investigação realizamos um experimento com têmpera ovo e carvão sobre papel vegetal tamanho A4.



Preparação de têmpera ovo com carvão (lixa), 2015

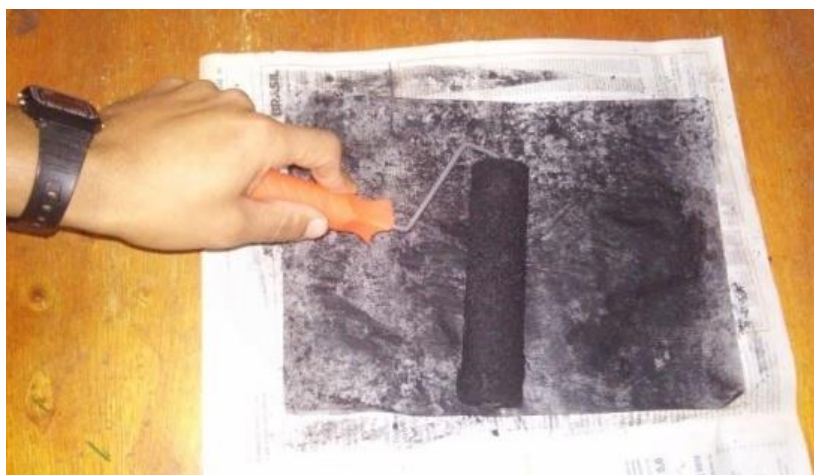
Giordano Alves

Primeiramente, foi necessário lixar o carvão até que este resultasse em pó, solto para receber a gema, formando assim uma goma preta. O carvão funcionava como pigmento e a gema como aglutinante (figs. 1 e 2).



Preparação de têmpera ovo com carvão (gema como aglutinante), 2015
Giordano Alves

Após misturar bem, a tinta estava pronta para ser anexada ao suporte. Foi escolhido o papel vegetal pela transparência, e pela facilidade de adesão dos materiais dispostos sobre ele. Para que o papel pudesse receber a tinta de maneira uniforme, a aplicação foi feita com um rolo de espuma. Uma sequência de movimentos verticais distribuiu a tinta na superfície do papel vegetal, até que a têmpera ovo cobrisse todo o papel (fig. 3).



Aplicação de tempera ovo com carvão sobre papel vegetal A4, 2015
Giordano Alves

Após a aplicação da tinta sobre o papel, o próximo passo foi expor o trabalho ao relento por um período de 12 horas. O papel vegetal foi estendido de forma vertical, em um varal, como se fosse uma peça de roupa, para que assim o sereno pudesse impregnar o material. Depois, o papel secou de dia sob ação do vento e do sol.

É importante que o trabalho seja pendurado à noite para que, recebendo umidade, sua secagem seja mais lenta, podendo assim absorver os vestígios deixados pela intempérie até a chegada do sol.

Com este processo, após a secagem, foi possível perceber as modificações que o papel vegetal recebeu durante a noite, como as rugas e as marcas ocasionadas pela tintura, que escorreu sobre o corpo do papel, pendurado, originando uma textura irregular e pegajosa (fig. 4).



Suspensão do suporte em tintado em varal, 2015
Giordano Alves

Após o período de exposição ao sereno da noite, e com o surgimento do sol o papel secou originando uma visualidade tátil interessante, assimétrica, permitindo a viagem do olhar pelas linhas como se fossem parte de um mapa.

O contato do sereno e do orvalho com o suporte molhado permite marcas, rastros, um passeio de um corpo sobre outro. Não há como querer controlar a direção dos traços, nem saber qual a coloração exata que irá se formar com a secagem do trabalho. Nota-se então uma troca que acontece pelo contato de dois corpos. Um encontro, no qual um receptor é preparado para aderir ao outro. Neste caso, utilizamos a gema do ovo como aglutinante, e o carvão em pó como corante, para que recebessem o sereno que seria o corpo impressor.

Abaixo, vemos uma imagem do trabalho após a secagem, cujas marcas do escorrimento de gotículas de sereno e orvalho deixaram rastros sobre a matéria depositada sobre a superfície de papel (fig. 5).



Registros, impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015
Giordano Alves

A pergunta “como criar alguma forma de maneira singular, repleta de informações ruidosas, instigantes e estranhas?” (POHLMANN, 2005, p.105), é retomada como um questionamento a nos fazer prosseguir. Com estes procedimentos surgem reflexões curiosas a respeito dos conceitos de gravura e impressão. Observam-se como estas abrem um diálogo com o mundo ao redor, tanto com o ambiente usado

para a realização do trabalho, como com o cotidiano, provocando e ampliando também a percepção que temos sobre a arte e a gravura.

Com isso, podemos pensar que a impressão pode estar em qualquer lugar, mesmo que passe despercebida. Se a impressão se dá por intermédio do contato entre os corpos, ela não estaria presente em tudo o que se pode tocar? Mesmo que estas sejam questões para as quais não podemos alcançar uma resposta definitiva, não temos a pretensão de respondê-las com as propostas descritas acima. Nossa intenção é pensar sobre onde, como e quando se poderia imprimir, usando as mais diversas superfícies e objetos.

A terra pode ser o corpo e o universo, a possibilidade. O ar move a vida assim como a arte move o pensamento. Algumas destas reflexões nos provocam não somente a olhar, mas a perceber; não somente caminhar, mas deslocar-se, realizar um trajeto, instigando as nossas convicções sobre o conceito de impressão.

Pelos traços, manchas e demais imagens que aparecem neste trabalho, pode-se expandir nossa imaginação, questionar os caminhos já existentes e explorar as possibilidades de percurso do sereno e da umidade do ar sobre o corpo metamórfico, agora com coloração preta desbotada, com ranhuras brancas. Um olhar curioso permeia novas indagações, necessita de novas perspectivas, que alimentem os desdobramentos na área da gravura e da impressão, dos processos criativos, observando a marca e o vestígio.

[...] o processo da impressão seria contato com a origem ou perda da origem? Ela manifestaria a autenticidade da presença (como processo de contato) ou, ao contrário, a perda da unicidade que leva sua possibilidade de reprodução? Produz ele o único ou 'identificável'? A decisão ou o acaso? A forma ou o disforme? O mesmo ou o outro? O familiar ou o estranho? O contato ou a distância? (DIDI-HUBERMAN, [trad. FRANCA, 2000], p. 4)

Acreditamos que os processos aqui descritos podem colaborar com as reflexões já iniciadas neste campo, auxiliando a propagar a gravura além dos horizontes comuns. Também nos dedicamos a processos que possam ampliar a complexidade das metodologias conhecidas e utilizadas na arte impressa, detalhando sua pluralidade e suas incertezas. Trata-se de prestar atenção à simples existência de

fenômenos ou ínfimos materiais capazes de possibilitar uma impressão. Seja um corpo ou objeto, tendo ou não interferência de ações climáticas, a impressão está impregnada na vida, nos sugerindo a cada instante diversas possibilidades no fazer artístico. Nossa capacidade de observar os detalhes, os rastros, as marcas deixadas em um determinado trajeto ou deslocamento alimentam nossos trabalhos, provocam, sugerem, instigam ações, mesmo sabendo que muito mais ainda poderá ser explorado, percorrido e experimentado.

Um outro trabalho foi realizado com os mesmos procedimentos já citados, e também foi exposto ao sereno da noite. Entretanto, desta vez, a superfície de papel foi colocada no chão, diretamente no gramado, horizontalmente, como se fosse uma extensão do mesmo (fig. 6).



Exposição do suporte entintado colocado horizontalmente no solo, 2015
Giordano Alves

Depois de seca, a textura ficou mais encorpada e o papel ficou mais enrugado. Uma imagem com diferentes aspectos na coloração, talvez por estar em contato direto com o solo e por ter recebido umidade em ambos os lados (fig. 7).



Registros, impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015
Giordano Alves

Considerações finais

Chegamos ao final com a sugestão de que a impressão pode ser observada de forma global, desde os lugares mais comuns aos mais exóticos, e pode trilhar caminhos que nos levam desde o mais sutil ao mais complexo olhar. Assim, tais pesquisas nos ajudam a ampliar o nosso interesse pela busca de conhecimento em relação aos modos de realizar e apreciar as gravuras e as impressões.

Inúmeros questionamentos podem advir deste texto, que aqui inicia um novo percurso a ser explorado. A ênfase está em complexificar os métodos tradicionais do uso da gravura, buscando sua pluralidade e novos desdobramentos. Almeja-se com processos não tradicionais, e com o pensamento na investigação, obter futuros frutos que proporcionem momentos instigantes, que possam contribuir para o nosso desenvolvimento nesta busca incansável pelo conhecimento da arte.

Tal como uma águia que sobrevoa os mais altos céus, procuramos aguçar o olhar perspicaz e agir com olhos atentos. Depois de observar o alvo, voar em direção a ele com grande ímpeto e determinação. Seguir assim até obter algo que satisfaça a ação, o percurso. Nosso vôo é sem limites em busca da sabedoria. Assim é o olhar de um gravador, que se dispõe ao universo das possibilidades, não descartando as

hipóteses que os corpos e os materiais lhe oferecem, nem os limitando ao seu próprio conhecimento. Procuramos cada vez mais enriquecer os porquês, para alcançar objetivos contundentes. Cada ruga, cada traço, ou linha é um universo de possibilidades a ser explorado.

A impressão é algo que viaja além dos tempos. É como a natureza, fácil de ser encontrada, porém difícil de ser explicada ou compreendida. O ato de imprimir vai muito além de nossa compreensão, pois é preciso querer senti-lo e percebê-lo, pois em tudo o que existe pode haver uma impressão.

Este ato de imprimir é composto de tentativas de enxergar algo por dentro; é perceber o avesso, ter a transparência em mãos, e deixá-la nos mostrar seus caminhos. As nuvens e o mar, o gelo e o fogo, parte do todo e dos opostos que nos constituem. Imprimir é abraçar a dúvida, fazer dela parte da potencia criativa, apoiando nossas reflexões. Basta estar atento para que o diálogo aconteça. Enfim, imprimir é permitir-se a troca.

Referências

CANTON, Kátia. *Temas da arte contemporânea*. Espaço e lugar. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Do Moderno ao Contemporâneo: Coleção temas da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CONDE, Rizza Paes F. Fazer porque sim. (Texto de apresentação). *Catálogo Mostra Rio Gravura*. Rio de Janeiro. 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *França Contemporânea – Os Anos SUPPORTS/SURFACES na Coleção do Centro Georges Pompidou*. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 1998.

_____. *L' Empreinte*. Paris: [s.n.], 1997. Catálogo de exposição, 19 fev. - 19 mai. 1997, Centre G. Pompidou. Pompidou – Paris – 1997. FRANCA, Patrícia (Adapt. Trad.). *L'Empreinte - Parte I e II*. [s/l: s.n., 2000] Inédito. Adaptação em português do original francês, 2000.

POHLMANN, Angela Raffin. *Pontos de passagem: o tempo no processo de criação*. 2005. 252 f. Tese de doutorado (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ROCHEFORT, Carolina Corrêa. *A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo*.

2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) –PPGAV- Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. O campo ampliado da gravura: continuidades, rupturas, cruzamentos e contaminações. In: *Art Research Journal*//Revista de Pesquisa em Arte ABRACE, ANPAP e ANPPOM, v. 1, p. 171-183, 2014.

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio recebido às pesquisas que deram origem a este texto.

Giordano Alves Costa

Artista Visual. Bacharel em Artes Visuais (Universidade Federal de Pelotas - UFPel, 2011). Especialista em Artes Visuais (UFPel, 2013). Mestrando em Artes Visuais pelo PPGAV (UFPel, 2015). Participação em eventos de Artes Visuais: *IV Salão de Artes Plásticas de Arroio Grande* (RS, 2012). Premiação: *1 Premio Nacional de Charge Caricatura e Cartum*, Mangaratiba. (RJ, 2014). Menção honrosa.

Angela Raffin Pohlmann

Bacharelado em Artes Plásticas (UFRGS, 1983), Mestrado em Artes Visuais (UFRGS, 1995) e Doutorado em Educação (UFRGS, 2005), com bolsa-sanduiche na Universidade de Barcelona (2004/2005). Atualmente é professora Associada da UFPel e coordenadora do PPGAV (Mestrado em Artes Visuais) da UFPel. Lider do Grupo de Pesquisa "Percurso Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade" (CNPq/UFPel).